



Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)

Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação e tecnologias [recurso eletrônico] : experiências, desafios e perspectivas / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-271-5

DOI 10.22533/at.ed.715191704

1. Educação. 2. Inovações educacionais. 3. Tecnologia educacional. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.9

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

"Se a educação sozinha não transforma a sociedade,
sem ela tampouco a sociedade muda".

-Paulo Freire

A obra "Educação e Tecnologias: Experiências, Desafios e Perspectivas" traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

Diante de um mundo de transformações rápidas e constantes, no qual os conhecimentos se tornam cada vez mais provisórios, pressupõe-se a necessidade de um investimento constante na formação ao longo da vida.

As tecnologias estão reordenando e reestruturando a forma de se produzir e disseminar o conhecimento, as relações sociais e econômicas, a noção de tempo e espaço, modos de ser, pensar e estar no mundo, até a capacidade de aprender para estar em permanente sintonia com a velocidade das constantes transformações tecnológicas que, na verdade, tornou-se um bem maior nesta nova era.

Os saberes adquiridos nas formações iniciais já não dão mais suporte para que pessoas exerçam a sua profissão ao longo dos anos com a devida qualidade, como acontecia até há pouco tempo, conforme explica Lévy (2010, p.157): "pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas no início do seu percurso profissional, estarão obsoletas no fim da sua carreira".

As iniciativas de formação têm aumentado no Brasil, como também as propostas de educação que envolvem as tecnologias, sendo esta uma de suas inúmeras possibilidades, a atualização de conhecimentos atrelada ao exercício profissional.

Lévy assinala que, "por intermédio de mundos virtuais, podemos não só trocar informações, mas verdadeiramente pensar juntos; pôr em comum nossas memórias e projetos para produzir um cérebro cooperativo." (2010, p.96).

Percebe-se, uma nova relação pedagógica com os atores sociais, estabelecendo nos espaços mediados pela rede, um diálogo fundamentado em uma educação, ao mesmo tempo, como ato político, como ato de conhecimento e como ato de criação e recriação, pois o conhecimento só se redimensiona devido à imensa coletividade dos homens, num processo de valorização do saber de todos.

As possibilidades de comunicação e de trocas significativas com o outro, por intermédio da linguagem real ou virtual, repercutem na subjetividade como um todo e intervêm na estruturação cognitiva, na medida em que constitui um espaço simbólico de interação e construção.

Uma pessoa letrada tecnologicamente tem a liberdade de usar esse poder para examinar e questionar os problemas de importância em sócio tecnologia. Algumas dessas questões poderiam ser: as ideias de progresso por meio da tecnologia, as tecnologias apropriadas, os benefícios e custos do desenvolvimento tecnológico, os modelos econômicos envolvendo tecnologia, as decisões pessoais envolvendo o

consumo de produtos tecnológicos e como as decisões tomadas pelos gerenciadores da tecnologia conformam suas aplicações.

Aos leitores desta obra, que ela traga inúmeras inspirações para a discussão e a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando propostas para a construção de conhecimentos cada vez mais significativo.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A AUTONOMIA E OS PROCESSOS DE MUDANÇA UM ESTUDO SOBRE A DESISTÊNCIA EM UM CURSO ONLINE	
Maria Glalcy Fequetia Dalcim	
DOI 10.22533/at.ed.7151917041	
CAPÍTULO 2	17
A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA NO ENSINO DE GRADUAÇÃO	
Pedro Pascoal Sava	
Helena Portes Sava de Farias	
Bruno Matos de Farias	
Ana Cecilia Machado Dias	
DOI 10.22533/at.ed.7151917042	
CAPÍTULO 3	32
A IMPORTÂNCIA DA EXPERIMENTAÇÃO EM CURSOS DE GRADUAÇÃO EM QUÍMICA MODALIDADE EAD	
Érica de Melo Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.7151917043	
CAPÍTULO 4	43
A INFLUÊNCIA DO ESTILO DE APRENDIZAGEM DO TUTOR A DISTÂNCIA NA ESCOLHA DOS RECURSOS DIDÁTICOS	
Cristiana Mariana da S. S. do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.7151917044	
CAPÍTULO 5	58
A LINGUAGEM NA ELABORAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO PARA EAD	
Ana Cristina Muniz Percilio	
Priscila Vieira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7151917045	
CAPÍTULO 6	73
ANÁLISE DO ENSINO-APRENDIZAGEM DE UMA DISCIPLINA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA EAD ICHS-UFF: O PROCESSO DE RETROFIT	
Julio Candido de Meirelles Junior	
Camyla D'Elyz do Amaral Meirelles	
Alessandra dos Santos Simão	
DOI 10.22533/at.ed.7151917046	
CAPÍTULO 7	80
AVALIAÇÃO NA EAD UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA: PRÁTICAS E REGULAÇÃO NORMATIVA	
Célia Maria David	
Sebastião Donizeti da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7151917047	

CAPÍTULO 8	92
DESAFIOS PARA ORIENTADORES E ORIENTANDOS NA REALIZAÇÃO DO TCC NA EAD	
Keite Silva de Melo	
Gilda Helena Bernardino de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.7151917048	
CAPÍTULO 9	107
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) E INOVAÇÃO: VICISSITUDES DO PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	
Paulo Jorge de Oliveira Carvalho	
Charles Abrantes Coura	
DOI 10.22533/at.ed.7151917049	
CAPÍTULO 10	114
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E INOVAÇÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM EDUCAÇÃO PERMANENTE EM SAÚDE	
Paulo Jorge de Oliveira Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.71519170410	
CAPÍTULO 11	123
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA:; UMA REALIDADE NA FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL	
Edson Vieira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71519170411	
CAPÍTULO 12	136
ESTRATÉGIAS DE ESTUDOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA À DISTÂNCIA:; UM ESTUDO PILOTO QUANTO ÀS PREFERÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DOS ACADÊMICOS.	
Sidney Gilberto Gonçalves	
Ketylen Jesus Dos Santos	
Lucas Diego Da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.71519170412	
CAPÍTULO 13	144
FERRAMENTAS MEDIADORAS PARA A INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA MODALIDADE EAD: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA E RESULTADOS	
Maria Gorett Freire Vitiello	
Eliza Adriana Sheuer Nantes	
DOI 10.22533/at.ed.71519170413	
CAPÍTULO 14	160
IDENTIDADE DOCENTE NA EAD: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES-TUTORES	
Elaine dos Reis Soeira	
Rosana Loiola Carlos	
DOI 10.22533/at.ed.71519170414	
CAPÍTULO 15	172
IDENTIDADE, AUTONOMIA E COMPROMETIMENTO DO ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM A DISTÂNCIA	
Eliamar Godoi	
Guacira Quirino Miranda	
Roberval Montes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.71519170415	

CAPÍTULO 16 183

IMPLEMENTAÇÃO DE CURSOS NA MODALIDADE EAD: ESTUDO DE CASO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO MÉDIO

Luiz Antonio Marques Filho
Iêda Lenzi Durão
Leonardo da Silva Sant'Anna

DOI 10.22533/at.ed.71519170416

CAPÍTULO 17 199

INICIAÇÃO CIENTÍFICA A DISTÂNCIA: UMA EXPERIÊNCIA DE PESQUISADORES NA ÁREA DE LETRAS

Eliza Adriana Sheuer Nantes
Antonio Lemes Guerra Junior
Ednéia de Cássia Santos Pinho
Juliana Fogaça Sanches Simm
Maria Gorett Freire Vitiello

DOI 10.22533/at.ed.71519170417

CAPÍTULO 18 204

O LETRAMENTO DIGITAL E A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: POTENCIALIDADES PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Daniela de Oliveira Pereira

DOI 10.22533/at.ed.71519170418

CAPÍTULO 19 217

O TRABALHO DO TUTOR NA EAD FUNÇÃO, ATRIBUIÇÕES E RELAÇÕES ENTRE O PROFESSOR E O ALUNO

Sandra Regina dos Reis
Okçana Battini

DOI 10.22533/at.ed.71519170419

CAPÍTULO 20 228

O USO DO FÓRUM COMO LABORATORIO DE FALA PARA A APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Maira Rejane Oliveira Pereira
Ana Luzia Santos Pereira Pires
Andressa Bacellar Veras
Eliza Flora Muniz Araújo
Ilka Marcia R. de Souza Serra

DOI 10.22533/at.ed.71519170420

CAPÍTULO 21 236

O USO DO WHATSAPP COMO FERRAMENTA DE PESQUISA NA EAD

Anabela Aparecida Silva Barbosa
Rafael Nink de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.71519170421

CAPÍTULO 22 247

OS PROCESSOS DE ENSINO E DE APRENDIZAGEM NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA MODALIDADE A DISTÂNCIA

Miguel Alfredo Orth
Claudia Escalante Medeiros
Igor Radtke Bederode

DOI 10.22533/at.ed.71519170422

CAPÍTULO 23 262

PERSPECTIVAS E DIFICULDADES DOS ALUNOS DE UM CURSO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA SEMIPRESENCIAL PARA UTILIZAREM DO SUPORTE DOS TUTORES

Bárbara Oliveira de Moraes
Adalberto Oliveira Brito
Fernanda de Araújo de Calmon Melo
Maria Alice Augusta Coelho Coimbra
José Ferreira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.71519170423

CAPÍTULO 24 278

PLANEJAMENTO, AÇÃO DE GESTÃO E STRATÉGIAS INOVADORAS OFERECIDAS PELA COORDENAÇÃO DE TUTORIA DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS EAD, UAB, ICB, UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Gláucia Maria Cavasin
Cristiane Lopes Simão Lemos
Júlia Cavasin Oliveira
Jenyffer Soares Estival Murça

DOI 10.22533/at.ed.71519170424

CAPÍTULO 25 284

REALIDADE AUMENTADA PARA A EAD: QUAL O PAPEL DO PROFESSOR NO SEU DESENVOLVIMENTO?

Daiana Garibaldi da Rocha
Adriana Ferreira Cardoso

DOI 10.22533/at.ed.71519170425

CAPÍTULO 26 289

REFLEXÕES SOBRE A ATUAÇÃO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR PRESENCIAL: ENTRE A EDUCAÇÃO PRESENCIAL E VIRTUAL

Eloane Aparecida Rodrigues Carvalho
Altina Abadia da Silva
Hugo Maciel de Carvalho

DOI 10.22533/at.ed.71519170426

CAPÍTULO 27 296

TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO E SEUS CONTRIBUTOS PARA A GESTÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Neilane de Souza Viana

DOI 10.22533/at.ed.71519170427

CAPÍTULO 28 309

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE USABILIDADE E O COMPORTAMENTO DO USUÁRIO NAS REDES SOCIAIS: UMA REFLEXÃO PARALELA NO CONTEXTO EDUCACIONAL; [TEXTO ORIGINALMENTE APRESENTADO NO CIET:ENPED (NÓBREGA ET AL., 2018C)]

Thaynan Escarião da Nóbrega
José Klidenberg de Oliveira Júnior
Andresa Costa Pereira
Marco Antônio Dias da Silva

DOI 10.22533/at.ed.71519170428

CAPÍTULO 29 322

AS POSSIBILIDADES DE ANÁLISE DA NOÇÃO DE CAMPO SOCIAL E O ESTUDO DO CAMPO DA COMUNICAÇÃO

Renato Ribeiro Daltro
Afrânio Mendes Catani

DOI 10.22533/at.ed.71519170429

CAPÍTULO 30 331

SESSÕES DE TELETANDEM À LUZ DE UMA PERSPECTIVA ECOLÓGICA

Rodrigo Schaefer
Paulo Roberto Sehnem

DOI 10.22533/at.ed.71519170430

CAPÍTULO 31 340

TECNODOCÊNCIA NA FORMAÇÃO DE LICENCIANDOS: INTERDISCIPLINARIDADE E TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Luciana de Lima
Robson Carlos Loureiro
Gabriela Teles
Thayana Brunna Queiroz Lima Sena
Deyse Mara Romualdo Soares

DOI 10.22533/at.ed.71519170431

CAPÍTULO 32 350

TECNOLOGIAS ASSISTIVAS E INCLUSÃO ESCOLAR: O USO DO SOFTWARE GRID 2 NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO A ESTUDANTE COM AUTISMO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO DISTRITO FEDERAL

Flávia Ramos Cândido
Amaralina Miranda de Souza

DOI 10.22533/at.ed.71519170432

CAPÍTULO 33 367

ROBÓTICA DE BAIXO CUSTO COMO OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA ESTUDANTES COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO

Luciano Frontino de Medeiros
Scheila Leal Dantas

DOI 10.22533/at.ed.71519170433

CAPÍTULO 34	378
A UTILIZAÇÃO DO APLICATIVO HAND TALK PARA SURDOS, COMO FERRAMENTA DE MELHORA DA ACESSIBILIDADE NA EDUCAÇÃO	
Marcelo Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.71519170434	
CAPÍTULO 35	392
O PROCESSO DE APRENDIZAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO A PARTIR DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA MEDIADA PELO ORALISMO PURO	
Andressa dos Santos Ribeiro	
Cleres Carvalho do Nascimento Silva	
Hávila Sâmua Oliveira Santos	
Maria Claudia Lima Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.71519170435	
CAPÍTULO 36	403
A TECNOLOGIA COMO RECURSO PARA O DESENVOLVIMENTO DE ATIVIDADES PRÁTICAS SOBRE A MORFOLOGIA DOS FRUTOS	
Adriana Marcia dos Santos	
Eliane Cerdas Labarce	
DOI 10.22533/at.ed.71519170436	
CAPÍTULO 37	418
ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL: ANÁLISE DE PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Emanuelle Macêdo Viana	
Maria de Fátima Camarotti	
DOI 10.22533/at.ed.71519170437	
CAPÍTULO 38	435
A SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL DE MULHERES COM DEFICIÊNCIA NA INTERNET	
Karla Cristina Vicentini de Araújo	
Nayara Fernanda Vicentini	
Gabriella Rossetti Ferreira	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
Ana Claudia Bortolozzi Maia	
DOI 10.22533/at.ed.71519170438	
SOBRE A ORGANIZADORA	444

DESAFIOS PARA ORIENTADORES E ORIENTANDOS NA REALIZAÇÃO DO TCC NA EAD

Keite Silva de Melo

PUC-Rio, Departamento de Educação, ISERJ/FAETEC, Ensino Superior e SME-Duque de Caxias Rio de Janeiro - RJ

Gilda Helena Bernardino de Campos

PUC-Rio, Coordenação Central de Educação a Distância

RESUMO: Na etapa final de um curso de especialização a distância, os alunos precisam produzir um TCC. Para essa etapa, o orientando busca parceria e bom relacionamento com o seu orientador, para adquirir segurança e autonomia para a escrita acadêmica. Considerando que o bom relacionamento entre orientador e orientando é fundamental foi realizada uma pesquisa documental, onde foram analisados 12 editais públicos para seleção de orientadores de TCC, seguida de uma pesquisa bibliográfica com a análise de 25 trabalhos, que possuíam como foco a afetividade ou trabalho interativo na orientação. Buscou-se, nessas fontes, evidenciar as características do orientador e os principais desafios da orientação de TCC, que se aliassem à perspectiva do trabalho interativo. A agilidade, parceria, apoio, bom relacionamento, clareza, disponibilidade por parte do orientador foram as características mais apontadas como fundamentais à constituição do trabalho interativo. Por outro lado, os orientadores se ressentem da pouca autonomia,

das dificuldades com a escrita acadêmica e autoria, bem como o pouco comprometimento ou resistência às recomendações por parte de alguns orientandos. O diálogo democrático e parceria acionam a corresponsabilidade desses dois agentes, buscando conciliar tanto o acolhimento solicitado pelo orientando, como a dedicação exigida ao orientador.

PALAVRAS-CHAVE: Desafios da orientação; TCC; Educação a distância; Trabalho interativo.

ABSTRACT: In the final stage of a distance specialization course, students need to produce a final assignment. For this stage, the student seeks partnership with its supervisor in order to acquire security and autonomy for academic writing. Considering that the good relationship between advisor and student is fundamental, a documentary research was carried out where 12 public notices were selected for the advisor hiring for the final work. This survey was followed by a bibliographical research with the content analysis of 25 works that had as focus the affectivity or work interactive in orientation. These quests highlighted the characteristics of the advisor and the main challenges of the orientation in the final assignment allied to the perspective of interactive work. The agility, partnership, support, good relationship, clarity, availability on the part of the advisor were pointed as fundamental to the constitution of the

interactive work. On the other hand, counselors resent low autonomy, difficulties with academic writing and authorship, as well as the lack of commitment or resistance to recommendations by some students. The democratic dialogue and partnership trigger the co-responsibility of these two agents, seeking to reconcile the reception requested by the orienting and the dedication required of the advisor.

KEYWORDS: Challenges of orientation; final assignment, Distance learning; Interactive work.

1 | INTRODUÇÃO

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) vêm propiciando não apenas a interação entre os sujeitos, mas vêm impulsionando por meio da educação a distância (EaD), a emergência e consolidação de espaços formais e informais de aprendizagem. Nesses espaços, profissionais graduados vêm buscando formação continuada e contato com outras áreas profissionais, atendendo a uma exigência de formar-se continuamente, contando-se para isso, com a potencialidade da EaD.

Nosso trabalho busca situar os cursos de especialização a distância, modalidade que vem crescendo exponencialmente, como visto no segundo CensoEaD de 2016 (ABED, 2017), o segmento que mais oferta cursos regulamentados é a pós-graduação lato sensu (MBA e especialização).

Os cursos de pós-graduação lato sensu da modalidade EaD, na maior parte, conta com um professor online (geralmente vinculado como professor-tutor) para realizar a mediação no ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Por meio dessa mediação, ele contribui para que os alunos interajam entre si, com o conteúdo, com o professor da disciplina e avancem no seu desenvolvimento, em colaboração, via fóruns de discussão e outras interfaces adotadas no planejamento do curso.

Na etapa final de um curso de especialização, os alunos precisam produzir um trabalho de conclusão de curso (TCC), para apresentá-lo presencialmente, compartilhando com os seus pares, um recorte mais aprofundado e sistematizado do seu saber construído durante a formação. A produção do TCC, por se tratar de uma construção autoral por meio da escrita, envolve grande desafio para os alunos na etapa de conclusão e para isso, a parceria e bom relacionamento com o seu orientador (que pode ser o professor-tutor ou outro professor contratado para essa função), ganha centralidade.

Vários estudos (ANTUNES et al, 2011; TEIXEIRA et al, 2011; BOGHI et al, 2016; DIAS; PATRUS; MAGALHÃES, 2011; ANDRADE, 2011; ALVES; ESPINDOLA; BIANCHETTI, 2012; QUIXADÁ VIANA; VEIGA, 2007) confirmam que o bom relacionamento entre orientando e orientador é essencial para a construção de um trabalho final de curso de qualidade. Essa é a temática do nosso estudo, instigada pelas seguintes questões: quais seriam os desafios que interferem nesse bom relacionamento, durante a produção do TCC? Quais as principais dificuldades da

ordem do trabalho interativo, que cada agente se depara nessa etapa, segundo a literatura mais recente? Quais as ações e características que orientadores e orientandos precisam desenvolver para que o trabalho interativo e o bom relacionamento convirjam para otimizar a produção (co)autoral exigida pelos cursos?

Para buscar responder a essas questões, realizamos:

- Pesquisa documental: foram analisados 12 editais públicos dos últimos cinco anos para seleção de orientadores de TCC, buscando evidenciar na descrição da função ou nos critérios de seleção, as características que se aliassem à perspectiva do trabalho interativo entre orientador e orientandos. Essa escolha se justifica, pois os editais publicizam qual o perfil do profissional que se deseja contratar e quais os critérios a instituição e gestores do curso requerem para a mediação junto aos seus alunos, no tocante à orientação de TCC;
- Pesquisa bibliográfica: foram analisados 25 trabalhos, que possuíam como foco a afetividade ou trabalho interativo entre orientador-orientando. Acreditamos que o bom relacionamento entre orientador-orientando é fundamental para essa fase de maior esforço e dedicação do orientando, quando a autonomia lhe é mais exigida.

Ao confrontar as duas metodologias para verificar como o resultado destas se aproximam ou se distanciam entre si, destacamos na pesquisa bibliográfica os desafios que eventualmente afligem os envolvidos durante a construção de um TCC e interferem no relacionamento entre orientandos e orientadores.

2 | A ORIENTAÇÃO PARA CONSTRUÇÃO DO TRABALHO CIENTÍFICO NA MODALIDADE EAD

A EaD é definida no primeiro artigo do Decreto nº 9057/2017 como a modalidade educacional onde a

mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolve atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017).

Ainda segundo esse mesmo Decreto, as instituições de Ensino Superior podem se credenciar exclusivamente para oferta de cursos de graduação e especialização na modalidade EaD, o que poderá ampliar a oferta de cursos de pós-graduação lato sensu nos próximos anos. Como expansão e democratização de oferta não estão diretamente relacionadas à garantia de qualidade (CAMPOS; ROQUE; SANTOS, 2015), inclusive devido às políticas de mercado e do capital, preocupa-nos como essa oferta será implementada. Concordamos com Campos (2017), que um curso na modalidade EaD precisa de investimento considerável, incluída aí, a formação de professores-tutores e preocupação com a formação do cidadão, em seus princípios.

Em relação à Portaria Normativa nº 11 de 20 de junho de 2017, que estabelece normas para credenciamento de instituições e oferta de cursos na modalidade EaD, a pesquisadora convoca à reflexão, quanto ao risco de se promover a massificação do ensino superior, "democratizar é abrir a possibilidade para que todos tenham formação completa. A massificação é só abrir vaga" (CAMPOS, 2017).

A educação superior, para efetivar a democratização, precisa se conciliar com a qualidade, de forma a não sucumbir à proposta de massificação (SCHENEIDER; MORAES, 2015; LOVISOLO, 2000; TARDIF; LESSARD, 2014). O objetivo da universidade é a tríade ensino-pesquisa-extensão, e é nessa tríade, ou pelo menos na díade ensino-pesquisa, que se insere a produção científica de um aluno.

Sabe-se que os cursos de pós-graduação lato sensu visam a formação profissional e possui o ensino como centralidade (SAVIANI, 2006). Nesse caso, a pesquisa seria a mediação, pois o ensino se origina da produção do conhecimento construído na área, para a qual se deseja buscar profissionalização ou formação. A pesquisa na pós lato sensu não seria a protagonista, como ocorre nos programas de pós-graduação stricto sensu, mas por meio do TCC, o aluno que não teve a oportunidade de participar de algum projeto de Iniciação Científica na graduação, teria um primeiro contato com esse formato de produção acadêmica. O TCC possui ênfase, extensão, prazo e rigor distintos de uma tese ou dissertação, mas apesar disso, já contempla os principais critérios de uma produção autoral científica.

A produção de um TCC pode exigir muita autonomia e disciplina do aluno, mas é também a oportunidade de autoria supervisionada e de responsabilizar-se pela divulgação de sua percepção e análise sobre dado fenômeno. Embora exija maturidade na escrita, o que inclui o exercício constante para aprimoramento, para tornar claras intencionalidade e reflexões, a produção de um TCC pode viabilizar, mesmo que de forma preliminar, o que para Santos (2008) é o salto mais importante da ciência pós-moderna: "Todo o conhecimento científico visa constituir-se em senso comum" (p. 90). Para Boaventura (SANTOS, 2008), a transformação do conhecimento científico em senso comum é fundamental, pois este dirige as ações cotidianas de forma prática e pragmática. Se a ciência alcançar esse diálogo, pode evitar rupturas com o real, reproduzindo o saber construído pela ciência, de forma espontânea, aplicando-o no cotidiano.

Como o objetivo de um curso de especialização inclui a formação voltada para um campo profissional, a transformação proposta por Santos, estaria mais próxima de ser concretizada, pois a produção científica estaria em maior diálogo com um campo empírico, podendo inclusive ter a práxis como objeto ou campo de investigação do TCC ou ainda, impulsionar o problema de investigação, traduzindo-se como inspiração para a pesquisa. A orientação nesse caso deve voltar-se para estimular uma autoria que transforme fenômenos ou processos complexos, em uma comunicação simples, fundamentada e objetiva. Faz-se necessária uma orientação que esteja implicada com a superação da insegurança do aluno, que geralmente possui pouca experiência

acadêmica e não foi autorizado ou estimulado a expressar-se por meio da escrita. Esse orientador teria sua função marcada pela leitura interessada, estímulo constante à autoria e criatividade, ao mesmo tempo em que aciona o rigor e ética científica, para formar esse pesquisador iniciante.

Pensando nessa ação necessária ao orientador e sua importância na principal etapa do curso, voltamo-nos à formação que esse profissional recebeu para tal incumbência. Diversos autores (MACHADO, 2006; MARINELLI; CARVALHO, 2010; SANTOS; MAFFEI, 2010) chamam a atenção para o fato de não haver formação específica para a função de orientação. Tratando-se de um profissional que atuará no momento em que o aluno precisará de mais dedicação, chama-nos a atenção o fato de seus saberes profissionais se construírem *in loco*. Com essa lacuna formativa para orientação, que não deveria se apoiar apenas na experiência anterior com o seu próprio orientador, o exercício profissional de orientação torna-se ainda mais demarcado pela dimensão pessoal. Não estamos entendendo marca pessoal no ofício como um problema, mas como característica da docência, que influencia o processo de orientação, fenômeno esse que Tardif e Lessard (2014) nomeiam como trabalho interativo. Na próxima seção, buscamos associar esse conceito ao processo de orientação de TCC, para mais adiante, conferir os desafios que afligem a relação entre orientador-orientando.

2.1 O lugar do trabalho interativo na orientação de TCC

O conceito de trabalho interativo (TARDIF; LESSARD, 2014) representa o envolvimento da personalidade do profissional, no caso, o orientador, no seu exercício profissional. Essa é uma característica própria de profissões das relações humanas, que lidam com a interação com outros sujeitos. No caso da docência, a demanda afetiva pode ser mais intensa, inclusive na pós-graduação *lato sensu*. Quando o aluno se encontra no momento da escrita do TCC, requer mais apoio, segurança e acolhimento por parte do seu orientador. A procura por um bom relacionamento torna-se a centralidade de suas ações, desde o início da orientação, até o momento da defesa presencial.

Tardif e Lessard (2014) compreendem que o trabalho realizado com/para/sobre outros seres humanos marca a identidade desse trabalhador, em nosso caso, o orientador, modificando o processo de trabalho, o profissional e as relações profissionais. As profissões podem ser distinguidas como aquelas que atuam com trabalho material (manipuláveis fisicamente), as que atuam com trabalho cognitivo (trabalho intelectual com signos e materiais intangíveis) e as que atuam para/com/sobre o outro, o trabalho interativo. O orientador de TCC estaria conciliando as duas categorias de trabalho: o interativo (com/sobre o outro) e o cognitivo (intelectual e mediador de signos).

O orientador de TCC se comunica por meio do diálogo, mediado pelas tecnologias digitais adotadas pela EaD e pela escrita, e na maior parte das vezes utiliza apenas a

comunicação assíncrona. Ele demonstra em sua orientação não apenas o que sabe, mas o que ele é (CANÁRIO, 2006). Sua dimensão pessoal atravessa a comunicação e diálogo construído junto ao seu orientando. Nóvoa (2009) compreende que há uma bidirecionalidade entre a pessoa do professor e sua ação pedagógica: “ensinamos aquilo que somos e que, naquilo que somos, se encontra muito daquilo que ensinamos. Que importa, por isso, que os professores se preparem para um trabalho sobre si próprios, para um trabalho de autorreflexão e de autoanálise.” (p. 38).

Nesse encontro de pessoas (orientador-orientando), há um envolvimento afetivo e emocional. Como o objetivo de concluir um TCC passa pela manutenção do interesse discente, interesse esse que é afetivo e fundante do envolvimento dos alunos em uma tarefa, os estímulos do orientador precisam “tocar o piano das emoções” (TARDIF; LESSARD, 2014, p. 258), despertando entusiasmo para se envolver e se dedicar à conclusão dessa tarefa. Esse bom relacionamento será essencial, principalmente se o orientando vivenciar algum obstáculo em sua vida pessoal ou profissional.

A afetividade (CASTRO; MELO; CAMPOS, 2018) que alicerça o trabalho interativo do orientador, transforma-o em um trabalho emocional, especificidade que não pode ser ensinada em cursos de formação, pois é construída no ato de orientação, no contato direto com os orientandos.

Haguette (2006) enumera vinte “mandamentos” para um bom orientador para a pós-graduação stricto sensu. Elencamos a seguir, cinco desses “mandamentos” que teriam maior aderência aos cursos de especialização na modalidade EaD e que estão fundamentados no conceito de trabalho interativo, seriam eles:

- Não fazer imposição de problemática ao aluno. Ele goza de autonomia para escolher o fenômeno que lhe aprouver analisar. Lembremo-nos de que a pesquisa deve expressar o ato de paixão pelo conhecimento de algum aspecto da realidade. E a paixão deve ser a dele. (HAGUETTE, 2006, p. 378, grifos nossos);
- *Procurar levar o orientando até aonde ele pode ir, respeitados os limites mínimos de qualidade. O nível de exigência deve estar em consonância com as potencialidades do aluno (idem, p. 379);*
- *Transmitir confiança e otimismo ao orientando;*
- *Elogiar, sempre que merecido, o desempenho do orientando;*
- *Manter um relacionamento profissional, porém amigável e regular, com o orientando... (ibidem, p. 380).*

Reconhecer as potencialidades, respeitar e estimular a autonomia do orientando, confiando, estimulando e investindo em um relacionamento afetivo são ações transversais à orientação implicada com o diálogo. O diálogo concilia as experiências pessoais e acadêmicas entre esses agentes, permitindo (e ansiando-se pela) interferência do orientador no percurso do orientando. Nessa interferência dialógica, o orientador também cresce e aprende (QUIXADÁ VIANA; VEIGA, 2007), sem risco de perda da autoridade que lhe é inerente (ARETIO, 2014).

2.2 Desafios para uma orientação de TCC baseada no trabalho interativo

Realizamos uma pesquisa documental em editais de seleção pública para orientadores de TCC e pesquisa bibliográfica em trabalhos que se propunham a analisar a relação entre orientador e orientando, durante a produção do trabalho final de curso. Em ambos os levantamentos, buscamos verificar a abordagem do trabalho interativo, a fim de comparar o pressuposto na literatura recente, com alguns editais públicos para essa função.

2.2.1 Perfil profissional do orientador – pesquisa documental

Para compreender como algumas instituições vêm publicizando o perfil do profissional que desejam contratar e quais os critérios requeridos para a mediação junto aos seus alunos, no tocante à orientação de TCC, adotamos a pesquisa documental para verificar as características fundadas no trabalho interativo que estão sendo requeridas a orientadores, por meio de seleções públicas. Analisamos para isso, 12 editais publicados no período entre 2013 – 2017 e buscamos nesses, as características na descrição da função ou nos critérios de seleção presentes nos distintos editais. Os editais públicos estão disponíveis na internet e são vinculados à Universidade Aberta do Brasil (UAB), ou seja, são cursos ofertados por instituições públicas, o que reflete uma iniciativa de política pública para expansão do ensino superior no país. Os respectivos editais podem ser ilustrados de forma quantitativa da seguinte forma:

Tipo de seleção	Remuneração	Curso de formação para orientação de TCC	Menciona a importância da vinculação afetiva	Exige alguma experiência docente ou formação para a EaD	Exige experiência como orientador	Exige experiência da EaD
Somente análise curricular = 8	Bolsa UAB de professor-formador = 10*	Não consta no edital = 9.	Apenas 5.	Apenas 1.	Apenas 4.	Nenhum edital
Análise curricular + entrevista = 1	R\$ 500,00 por TCC = 1.	Seria ofertado após a seleção = 3.				
Análise curricular + análise documental = 1	Trabalho voluntário = 1.					
Carta de intenções + entrevista = 1						
Somente análise documental = 1						

* As cotas de bolsas (R\$ 1100,00 ou R\$ 1300,00) recebidas são distintas nas instituições.

** Os editais analisados foram: IFRR/CAMPUS BOA VISTA (Nº 012/2017), UESPI (Nº 016/2014), UESPI (Nº 003/2015), IFRR/ CAMPUS BOA VISTA (Nº 008/2017), IFCE/IANA (Nº 44/GR/2017), UFOP (Nº 02/2016), UFT Nº 01 /2017, IFSC (Nº 01/2017/Chamada Interna), UNICENTRO (Nº 060/2014), IFES/CAMPUS VITÓRIA (nº1/2015), FaE/CBH/UEMG/Campus Belo Horizonte (Nº 003/ 2017/Chamada interna) e UNIFAP (Nº 044/2013).

Tabela 1 - Categorias de análise sobre a função do orientador nos editais analisados

Fonte: Autoria própria.

Nenhum edital exigiu experiência na orientação de TCC, na modalidade EaD. Compreendemos com isso, que as diversas regiões do país ainda não possuem um volume expressivo de professores com experiência na orientação à distância. Se esse for o motivo de não se exigir essa experiência prévia, a instituição deveria se comprometer com a formação em serviço desse profissional, ultrapassando a abordagem técnica de contato com as interfaces do ambiente virtual de aprendizagem. Essa formação pode ocorrer em outro momento e não ter sido mencionada no edital, mas uma formação inicial pedagógica, antes de se iniciar o exercício é fundamental. A ausência de formação (MACHADO, 2006; MARINELLI; CARVALHO, 2010; SANTOS;

MAFFEI, 2010) para orientação pode tornar-se um problema, inclusive se o orientador possuir experiência na orientação de TCC na modalidade presencial, mas não tiver qualquer experiência com a modalidade EaD. Há diversas características convergentes entre as modalidades no tocante à orientação, mas há também especificidades na comunicação mediada pela escrita e pelas TDIC. Bruno e Moraes (2006) lembram que se deve cuidar do tom na linguagem, nos feedbacks e intervenções virtuais, entre outros cuidados com a comunicação assíncrona.

Dos cinco trabalhos que mencionaram na descrição da função, a importância da vinculação afetiva ou bom relacionamento entre orientador e orientando, a descrição a seguir, embora breve, é a mais consistente:

“Apoiar e motivar, de maneira especial, os estudantes menos participativos e com mais dificuldades. Facilitar aos estudantes a compreensão da estrutura e da dinâmica do TCC e estimular o bom desempenho dos mesmos” (UESPI/UAB, edital nº 016/2014, grifo nosso).

O destaque que realizamos no trecho anterior se faz necessário porque é exatamente o mesmo trecho que localizamos nos dois editais do IFRR. No edital do IFCE/ANA (nº 44/GR/2017) destacamos a descrição que associa a orientação à necessidade da “habilidade de comunicação e de relacionamento interpessoal” e o da UESPI (edital nº 003/2015), destacamos a indicação de que esse profissional deve observar o envolvimento dos alunos. Embora os editais não tenham se proposto a abarcar essa especificidade do orientador na descrição da função, entendemos a menção em cinco trabalhos, em uma amostra de doze, como considerável e um prenúncio da importância que algumas instituições já perceberam para a mediação da orientação.

2.2.2 Perfil profissional do orientador – pesquisa bibliográfica

Na pesquisa bibliográfica foram analisados 25 trabalhos, oriundos de um levantamento relativo ao período de 2007-2018. Foram incluídos todos os segmentos que possuem por exigência a construção de um trabalho final de curso, seja um TCC, monografia, dissertação ou tese, e possuíam como foco a afetividade ou trabalho interativo entre orientador-orientando. Acreditamos que, resguardadas as especificidades de cada segmento e produção científica, há um ponto de convergência: o bom relacionamento entre orientador-orientando é fundamental para essa fase de maior esforço e dedicação do orientando, quando a autonomia lhe é mais exigida.

Os trabalhos que fazem parte desse escopo podem ser retratados em termos percentuais, da seguinte forma:

SEGMENTO	aperfeiçoamento	graduação	<i>lato sensu</i>	<i>stricto sensu</i>
	4%	40%	32%	24%
MODALIDADE	EaD	Presencial	Semipresencial	Não delimita

Tabela 2 - Trabalhos analisados na pesquisa bibliográfica.

Fonte: Autoria própria.

Destacamos nos artigos analisados, as principais características essenciais ao orientador, que se relacionam com o trabalho interativo durante a produção do TCC. Buscamos representar essas características por meio da seguinte nuvem de palavras:



Figura 1 - Características do orientador implicado com o trabalho interativo

Fonte: Autoria própria.

Parceria, agilidade nas respostas e feedback, guiar o orientando, confiando e apoiando o mesmo são as características que mais incidiram nos trabalhos analisados, e se vinculam ao trabalho interativo na orientação. Essas características destacadas confirmam a associação que encontramos em 8 trabalhos, entre o bom relacionamento ou parceria entre orientador-orientando, com a qualidade do TCC.

Ao buscarmos localizar nessa pesquisa, quais são as dificuldades que interferem no trabalho interativo e podem dificultar a redação do TCC, localizamos os seguintes desafios em cada segmento do Ensino Superior:

Graduação (10 trabalhos analisados)	Pós <i>lato sensu</i> (8 trabalhos analisados)	Pós <i>stricto sensu</i> (6 trabalhos analisados)
Pouca afinidade com o tutor ou orientador.	Relacionamento com o tutor ou orientador.	Relacionamento com orientador.
Pouca disponibilidade dos orientadores.	Demora no recebimento do <i>feedback</i> .	Pouca disponibilidade dos orientadores
	Falta de esclarecimentos quanto ao que precisava ser mudado.	Distanciamento pode levar a evasão.
	Tensões relacionais.	Autonomia não é deixar sozinho.
	O rigor e a redação científica não são apresentados nas disciplinas anteriores.	Informalidade nos encontros gera insegurança quanto ao trabalho.
	Alguns alunos sentem falta da orientação presencial.	

Tabela 3- Desafios para a orientação- por segmento da Educação Superior.

Fonte: Autoria própria.

Com esse achado, confirmamos nossa hipótese de que, resguardadas as especificidades acadêmicas de cada segmento, no tocante ao trabalho interativo do orientador e relacionamento orientador-orientando, os desafios se aproximam ou mesmo convergem nos diversos formatos/modalidades de orientação de trabalho final de curso. A ausência de afinidade ou de um bom relacionamento com o orientador,

junto a pouca disponibilidade de orientadores, que podem demorar a devolver as produções são os desafios mencionados em todos os segmentos. Na pós-graduação lato sensu se destaca ainda, o fato das disciplinas anteriores não iniciarem o trabalho da redação científica, com o rigor que será exigido na produção do TCC.

Ao buscarmos evidenciar nos trabalhos analisados, os desafios da ordem do trabalho interativo, que trazem maior impacto para os orientandos, ilustramos da seguinte forma:

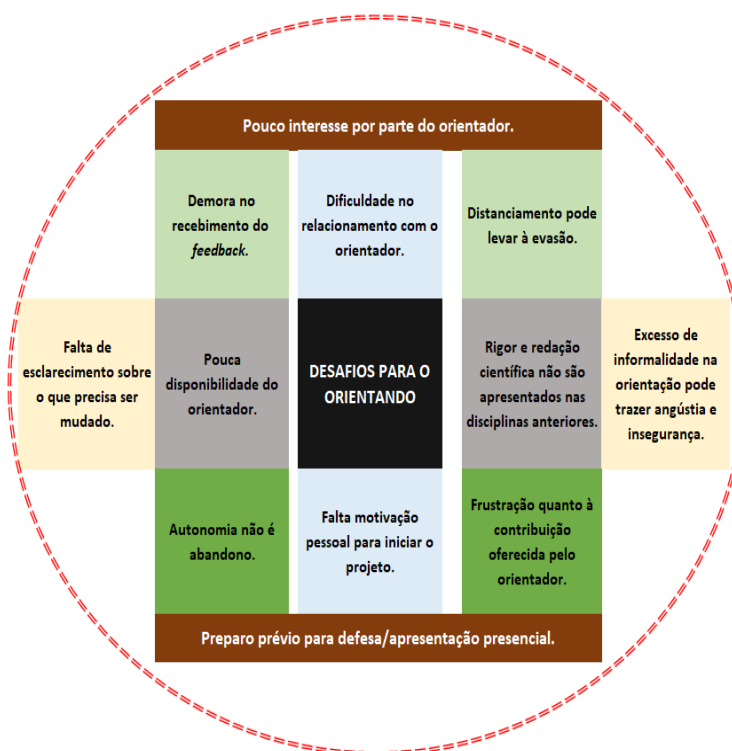


Figura 2 - Desafios que trazem impacto direto ao orientando.

Fonte: Autoria própria, a partir do modelo de gráfico cedido por Pollyana Bezerra.

Já os desafios da ordem do trabalho interativo, que trazem maior impacto para os orientadores podem ser resumidos da seguinte forma:

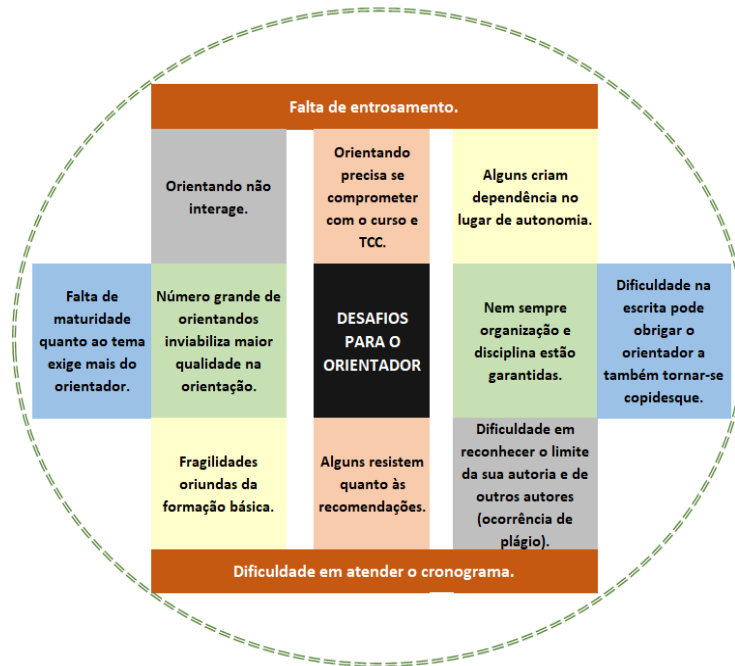


Figura 3 - Desafios que trazem impacto direto ao orientador.

Fonte: Autoria própria, a partir do modelo cedido por Pollyana Bezerra.

Ao compararmos os dois gráficos, com os desafios da ordem do trabalho interativo que acometem tanto os orientandos, quanto os orientadores, nota-se que há convergências, como a necessidade que ambos apresentam no tocante ao entrosamento entre eles, mas algumas queixas são específicas de cada ponta dessa relação e falta ainda, em alguns momentos, equilíbrio nas ações. A autonomia é necessária, mas não é construída solitariamente, o que pode contribuir para a evasão, se a motivação do aluno não for consistente o suficiente para superação desse problema. Nesse caso, o trabalho interativo foi deixado de lado muito antes de o orientando assumir-se como autor solitário.

Outro problema apontado nos dados, que pode contribuir para o rompimento ou fragilização do trabalho interativo na orientação, ocorre quando há um número excessivo de orientandos. Essa situação, recorrente no caso de cursos a distância massificadores, ofertados em larga escala, onde a aprendizagem não estaria em primeiro plano, pode levar o orientador a fazer intervenções mais generalistas ou pouco esclarecedoras, por não dispor de tempo para dedicar à orientação mais personalizada, base do trabalho interativo. Nos trabalhos analisados, vimos que alguns orientadores adotam orientações coletivas, e outras propostas que agregam valor à construção do conhecimento, mas não substituem o relacionamento próximo entre orientador e orientando, durante a escrita supervisionada.

As dificuldades que os alunos trazem em sua formação anterior, somadas à pouca maturidade acadêmica, própria de quem não vivenciou um rigor semelhante anteriormente, aliados às (re)incidências no tocante à ética da autoria, podem exigir mais disponibilidade e envolvimento do orientador, levando-o a assumir intervenções que em um primeiro momento não seriam específicas da orientação, trazendo

sobrecarga ao trabalho docente. Apesar de não serem funções próprias da orientação, esse professor muitas das vezes assume também o papel de copidesque, constrói estratégias e desenvolve tutoriais para explicar o processo de escrita acadêmica, acompanha o processo de aquisição da autoria em seus pormenores, e essas são algumas das tarefas invisíveis da orientação, próprias do trabalho interativo.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados dos editais analisados demonstram que, embora haja alguma menção na descrição do cargo ou atribuição, do estabelecimento de um bom relacionamento ou investimento no trabalho interativo durante a orientação, esse viés ainda não é contemplado com a importância e recorrência como tem sido indicado na literatura. Outro dado que nos chamou a atenção, refere-se à ausência de propostas de formação inicial para orientação a distância. Apenas em um dos três editais foi mencionada a oferta de formação após a seleção, e neste estava clara a intenção de apresentação das tecnologias, que estariam disponíveis o novo orientador. Preocupa-nos que as outras formações se atenham apenas a esse aspecto, embora o entendamos como relevante e indispensável. Esse dado (formação para atuação) também foi indicado nos trabalhos analisados, como fator de grande relevância, embora não tenhamos encontrado qualquer relato de formação oferecida a orientadores.

O número de orientandos por orientador, que encontramos nos editais analisados ficou entre 5-10. Trata-se de um volume que poderá contribuir para um atendimento mais personalizado, propiciando a constituição de vínculos, fundamento para o trabalho interativo. Apesar disso, o fato de ser um trabalho temporário, e termos encontrado na maior parte das vezes, a indicação de cotas de bolsas incoerentes com o volume de trabalho, esse fato obriga o orientador a buscar outras atividades laborais para constituir uma remuneração que lhe garanta o sustento. O excesso de atividades e/ou o número excessivo de orientandos, dado apontado de forma recorrente na literatura analisada, interferem diretamente na possibilidade de constituição de diálogo e trabalho interativo que estamos pressupondo como essencial.

Nos trabalhos analisados, a agilidade, parceria, apoio, bom relacionamento, clareza, disponibilidade por parte do orientador foram as características mais apontadas como fundamentais na constituição do trabalho interativo durante a orientação. Por outro lado, os orientadores se ressentem da pouca autonomia, das dificuldades com a escrita acadêmica e autoria, bem como o pouco comprometimento ou resistência às recomendações por parte de alguns orientandos. Entendendo que o diálogo e parceria acionam a corresponsabilidade desses dois agentes, o acolhimento solicitado pelo orientando e a dedicação exigida ao orientador se tornam interdependentes. A dimensão pessoal do orientador, que entrega um pouco de si ao trabalho, envolvendo-se com o trabalho e crescimento do aluno requer dedicação do outro lado, para que o bom relacionamento possua terreno fértil para se constituir. O percurso de aprendizagem

mútua envolve dialogia e democracia, que não são dadas a priori e são construídas no cotidiano, durante a escrita e idas e vindas próprias da orientação.

Tardif e Lessard (2014) lembram que o trabalho interativo do docente se difere de outras profissões, pois dependem do comprometimento, disciplina e organização do orientando, que pode inclusive, rejeitar as recomendações do orientador. Sendo assim, a parceria que o orientando requer, precisa ser entendida como uma via de mão dupla. Todos possuem grande responsabilidade e precisam se vincular ao curso e à produção. Os orientadores precisam investir em intervenções personalizadas, que impulsionem e desafiem os orientandos a crescer. As instituições precisam conciliar a expansão de suas unidades/polos/cursos, com a qualidade. A mercantilização do ensino por meio de salas (em todas as modalidades) lotadas inviabiliza não apenas o trabalho interativo, mas toda expectativa de alunos e professores com o percurso de aprendizagem, incluindo-se o trabalho científico de final do curso. Orientandos precisam comprometer-se com sua produção, organizando-se e dedicando-se. Essas conciliações são fundamentais para a constituição de um trabalho baseado na afetividade, viabilizada pelo diálogo, cuidado e respeito mútuo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Vânia Maria; ESPINDOLA, Isabel Cristina Pitz; BIANCHETTI, Lucídio. A relação orientador-orientando na Pós-graduação stricto sensu no Brasil: a autonomia dos discentes em discussão.

Revista Educação em Questão. v. 43, n. 29. Natal, 2012.

ANDRADE, Valter Zotto de. A COMUNICAÇÃO ENTRE O ORIENTADOR DE MONOGRAFIAS E O ORIENTANDO DE PÓS-GRADUAÇÃO NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM. **ANAIS. EDUCERE.** PUC-PR, 2011.

ANTUNES, Elaine Di Diego; BRUNETTA, Nádia; DEMARCO, Diogo Joe; PINHEIRO, Ivan Antônio. Desafios na Construção do Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Negociação Coletiva na Modalidade a Distância. **RENOTE - Revista Novas**

Tecnologias na Educação. V. 9 Nº 2, dezembro, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/renote/article/view/25140>>. Acesso em 18 jan. 2017.

ARETIO, Lorenzo García. **Bases, mediaciones y futuro de la educación a distancia en la sociedad digital.** UNED. Editorial Síntesis, 2014.

BRASIL. **DECRETO Nº 9.057**, de 25 de maio de 2017. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2017/Decreto/D9057.htm>. Acesso em 18 jan. 2017.

BOGHI, Cláudio; SHITSUKA, Ricardo; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; MATTAR, João. TRABALHO DE FINAL DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO. **Revista Tecnologia Educacional.** Ano LIV – 212, ABT, 2016. Disponível em: <<http://abt-br.org.br/wp-content/uploads/2017/03/212.pdf#page=72>>. Acesso em 18 jan. 2017.

BRUNO, Adriana Rocha; MORAES, Maria Cândida. O enfoque da complexidade e dos aspectos afetivo-emocionais na avaliação no ensino online. In: SILVA, Marco; SANTOS, Edméa (orgs.).

Avaliação da aprendizagem em educação online. São Paulo: Loyola, 2006.

CAMPOS, Gilda Helena Bernardino de. Ensino a distância 100% virtual amplia opções, mas

desafio aumenta. Folha de São Paulo. Entrevista cedida à Luciana Alvarez. 27.07.2017. Educação. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/07/1904624-mec-atualiza-regras-de-ensino-virtual-mas-desafio-da-qualidade-aumenta.shtml>>. Acesso em 27 jul. 2017.

_____; ROQUE, Gianna Oliveira; SANTOS, Camila Sousa. Avaliação em cursos na modalidade a distância. O que podemos observar? In: SILVA, Thomaz Edson Veloso da, et. al. (org.). **Avaliação em EaD: teoria e prática**. Recife: Imprima, 2015.

CASTRO, Eunice; MELO, Keite Silva de; CAMPOS, Gilda Helena Bernardino de. Afetividade e motivação na docência online: um estudo de caso. RIED. **Revista Iberoamericana de Educación a Distancia**. v. 21, n. 1, 2018. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/ried/article/view/17415>>. Acesso em: 23 jan. 2018

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto alegre: Artmed, 2006.

Censo EAD.BR: **relatório analítico da aprendizagem a distância no Brasil 2016** [livro eletrônico]/ [organização] ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância. Curitiba: InterSaberes, 2017. Disponível em: <http://abed.org.br/censoead2016/Censo_EAD_2016_portugues.pdf>. Acesso em 10 jan. 2018.

DIAS, Sônia Maria Rodrigues Calado; PATRUS, Roberto; MAGALHÃES, Yana Torres de. QUEM ENSINA UM PROFESSOR A SER ORIENTADOR? PROPOSTA DE UM MODELO DE ORIENTAÇÃO DE MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES. **Administração: Ensino e Pesquisa**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 4, 2011.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Universidade: nos bastidores da produção do conhecimento. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2006.

LOVISOLO, Hugo. **Vizinhos distantes: universidades e ciência na Argentina e no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000.

MACHADO, Ana Maria Netto. A relação entre autoria e a orientação no processo de elaboração de teses e dissertações. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2006.

MARINELLI, Célia Regina Gonçalves e CARVALHO, Raquel Alves. Histórias de Orientação: Ética, Responsabilidade e Compromisso com o Campo Científico. In: SCHNETZLER, Roseli Pacheco e OLIVEIRA, Cleiton de. **Orientadores em foco: o processo da orientação de teses e dissertações em educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

NÓVOA, Antonio. **Professores: Imagens do futuro presente**. Educa, Lisboa, 2009.

QUIXADÁ VIANA, Cleide Maria Quevedo; VEIGA, Ilma Passos Alencastro. ORIENTAÇÃO ACADÊMICA: UMA RELAÇÃO DE SOLIDÃO OU DE SOLIDARIEDADE? ANAIS. 30ª Reunião anual da Anped, 2007. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT04-3345--Int.pdf>>. Acesso em 19 jan. 2017.

SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Kátia Regina e MAFFEI, Willer Soares. Aprendendo a orientar. In: SCHNETZLER, Roseli Pacheco e OLIVERIA, Cleiton de. **Orientadores em foco: o processo da orientação de teses e dissertações em educação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2010.

SAVIANI, Demerval. A pós-graduação em educação no Brasil: pensando o problema da orientação. In: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto. **A bússola do escrever**. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2ª ed. São Paulo: Cortez editora, 2006.

SCHNEIDER, Magalis Bésse Dorneles; MORAES, Raquel de Almeida. Os processos comunicacionais na política de formação de professores a distância. **Educ. rev.**, Curitiba, n. 55, p. 307-321, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602015000100307&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 Mai. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.39421>.

TARDIF, Maurice e LESSARD, Claude. **O Trabalho docente** – Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9ª edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOBRE A ORGANIZADORA

GABRIELLA ROSSETTI FERREIRA Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL). Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto. Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem. Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-271-5

